

**Palestrante: Professor Márcio Pochmann - Presidente do IPEA**

Bom dia. Quero cumprimentá-los e parabenizá-los pela decisão de terem aceitado participar do XV Congresso Nacional, que certamente é um momento de análise e compreensão do que está ocorrendo na categoria, o que está acontecendo no mundo. Certamente estabelecer para os próximos anos, um plano de ação. Certamente também quero agradecer aqui o convite por estar aqui. Cumprimentar o companheiro Calixto e toda a equipe que foi responsável pela realização desse encontro. No meu modo de ver, os trabalhadores brasileiros precisam justamente de idéias dessa natureza, porque a força dos trabalhadores não se dá de forma isolada. É só quando há a capacidade da compreensão da realidade para justamente para transformá-la e essa transformação ocorre quando há união, quando há força. Diferentemente do que ocorre do lado do capital. Ele já é forte pela sua própria natureza e ele vem se transformando muito rapidamente, trazendo impactos inegáveis para os conjuntos de trabalhadores.

Tenho um carinho muito especial pelos trabalhadores da construção civil. Vinte e cinco anos atrás tive a oportunidade de trabalhar aqui em Brasília, no escritório regional do DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. E o DIEESE funcionava, fui muito bem acolhido pelo sindicato dos trabalhadores da indústria da construção civil aqui de Brasília.

E isso é extenso aos companheiros aqui de Brasília? Estão aqui presentes? Ah! Ta ai. Muito bem! Muito obrigado! Muitas pessoas com quem lá convivi. Aprendi muito pela trajetória de trabalho que os segmentos dos trabalhadores desse ramo, em geral, não muito bem compreendidos, mas de certa maneira, uma engrenagem fundamental num processo produtivo de geração de riquezas para o país.

Mas eu vou aqui dividir a minha exposição. Não vou ter muito tempo. Infelizmente nove e meia em ponto eu tenho que sair daqui. Então, vou falar até umas nove e vinte e no máximo, vamos ter uns dez minutinhos de questões, talvez resposta para, caso possa ter alguma dúvida ou consideração a respeito da minha exposição. Eu vou dividir a minha exposição em três partes.

Em primeiro lugar eu queria transmitir pra vocês de forma muito rápida como eu to vendo esse início do século XXI do ponto de vista do trabalho. E pra isso eu quero chamar atenção para o que vem ocorrendo no que diz respeito no mundo do ponto de vista da mudança no ambiente de trabalho. Certamente todos estão acompanhando a transformação muito rápida que está ocorrendo no trabalho, às aplicações para os trabalhadores. Todos sabem aqui que fazer sindicalismo como se fazia a dez, vinte, trinta anos atrás, hoje já é praticamente impossível. A menos que a gente não queira ser protagonista das transformações.

A segunda parte eu queria chamar atenção para a necessidade do sindicalismo brasileiro, em especial dos companheiros constituírem uma nova pauta de lutas. Que no meu modo de ver se traduz na constituição de um novo padrão civilizatório. Isso é possível! Do ponto de vista da riqueza que está sendo gerada e muito mal distribuída.

E a terceira parte falar um pouco a respeito do Brasil e as questões que são colocadas de maneira geral aqui, o tema como a terceirização, jornada de trabalho, a questão da contratação, previdência. Enfim, temos uma agenda grande pela frente e isso exige de todos nós, um trabalho muito importante de compreensão do mundo que estamos vivendo. Se nós não tivermos a capacidade de compreender o mundo que nós estamos vivendo, nós não seremos protagonistas das mudanças. E os trabalhadores que elegeram os companheiros e companheiras têm a pretensão de transformar o momento atual. E isso só é feito com a capacidade técnica de compreensão e uma força política para a transformação. Então, eu não entendo nada de força política, mas da parte técnica, talvez tenha algo a colaborar.

Então, o que eu quero chamar atenção em primeiro lugar é que nós estamos vivendo uma transformação excepcional no capitalismo mundial e no Brasil. E que transformações são essas? Elas têm vários aspectos podendo ser relacionados e eu vou chamar três apenas.

A primeira transformação diz respeito ao fato que nós estamos saindo de um ambiente de coordenação dos Estados Unidos e cada vez mais agora, por parte da Ásia, fundamentalmente da China. Os senhores estão acompanhando os jogos Olímpicos e aqui ali está mostrando a força da Ásia, especialmente da China. E o que tem haver esse deslocamento do centro dinâmico da economia mundial dos Estados Unidos para a China? Tem tudo haver! Como assim? Tem! Porque se nós formos olhar história e perceber que espaço tinha o Brasil no século XIX, quando o centro do mundo se dava em torno da Inglaterra, o espaço brasileiro era apenas um país produtor de bens primários. Produzia café, cana-de-açúcar. Ou seja, o Brasil não tinha indústria. O Brasil não produzia para o seu povo, produzia para exportar.

A situação mudou um pouco. Talvez de forma significativa quando houve o deslocamento do centro dinâmico da Inglaterra para os Estados Unidos. Os Estados Unidos passam a exercer digamos, a hegemonia do ponto de vista da produção, da organização da produção e é o momento de muita mudança na forma de produzir, na tecnologia que faz com que inclusive, se generalize pelo mundo uma série de indústrias, fábricas. Fábricas de automóvel, fábrica de chamados bens de consumo durável, eletroeletrônica, eletricidade e assim por diante. Nós, o Brasil, começou a produzir automóvel, por exemplo, na segunda metade dos anos cinquenta. Só que o automóvel é uma invenção do final do século XIX, 1880, 1890. Nós começamos a produzir automóvel de forma tardia, atrasada, quando o homem se preparava para ir na lua. Mas de toda maneira nós internalizamos, passamos a produzir internamente aqui, bens, produtos que anteriormente só ocorriam nos países chamados ricos. E agora, quando a China, a Ásia passa a ter essa maior importância na centralização e organização das atividades econômicas, nós precisamos saber qual a proposta, quais as possibilidades do Brasil. Quais são as possibilidades, os trabalhadores têm propostas para que como o Brasil deve se comportar nessa divisão internacional do trabalho? Porque se nós acompanharmos os dados, nós vamos verificar que 60% da produção manufaturada do mundo está sendo feita na China. Certo?!

A China está se transformando na grande oficina do mundo. Qual o espaço do Brasil? Essa é uma transformação fundamental para a qual nós

precisamos dos trabalhadores se quiserem se protagonistas da história ter essa compreensão e essa proposição. A época do sindicalismo do *não*, acabou. Não que os sindicatos não devam dizer não, mas eles também devem ter propostas do que fazer. O Brasil ta vivendo o 23º ano de democracia. É o período mais longo de democracia já vivido por todos nós. Qual é a proposta do Brasil em termos de encaminhamento? Nós vamos ser o país produtor e exportador de pau, pedra e água que estamos nos transformando? Como assim pau, pedra? Tem. Evidente! O que nós estamos exportando? Muito minério, minério de ferro. Não é isso?!? Sem manufaturar, sem beneficiar, sem mover o enriquecimento da cadeia produtiva, que é o que gera emprego de qualidade. O Brasil vai exportar frango, mas o que é o frango? É pura água. Um quilo de frango significa dois mil litros de água. Nós vamos ser um país exportador de madeira, de tronco de árvore ou de móveis? Produzir, cortar madeira na floresta e embarcar num navio para a China e a China fazer os móveis e depois nós termos que comprar deles. Que vantagem nós levamos nessa? Se nós não interferimos nessas questões, quem interferirá? Se os trabalhadores não tiverem uma posição, uma postura, quem terá por eles? Se os senhores não forem agentes da história, quem será? Esse é o compromisso histórico. É pra isso que existe sindicato, federação, confederação e central sindical.

Outro ponto que precisa ser considerado diz respeito ao aumento do poder econômico da empresa. Nós estamos assistindo no mundo e certamente, os senhores estão acompanhando pelos meios de comunicação, um processo de concentração e centralização de empresas. Todo dia há uma fusão de empresas, de bancos. Nós estamos caminhando para uma situação em que não mais do que quinhentas grandes corporações transnacionais dominarão qualquer setor de atividade econômica. Quinhentas grandes empresas no mundo! Se pegarmos o setor da indústria de bens, a linha branca - geladeira, microondas, por exemplo, só quatro empresas no mundo dominam a fabricação e distribuição desse segmento. Na indústria automobilística atualmente, são quinze grandes empresas e vão restar, talvez, só seis.

Esse comando da produção, o que tem a dizer os trabalhadores? Enquanto as empresas se fundem, ficam cada vez mais fortes, como os trabalhadores reagem? Vivendo fragmentados em sindicatos pequenos ou se congressarão numa grande força nacional e internacional? Enquanto as grandes empresas são cada vez menos empresas, os trabalhadores quando negociam, negociam de forma fragmentada. Como aumentar a inteligência dos sindicatos para a negociação articulada com outros países, já que uma empresa está em vários países. São questões que nós precisamos refletir. Saber como está sendo feito o processo de negociação salarial não apenas no Brasil, mas na América Latina, na Europa de maneira geral, na Europa, na Ásia. Há uma visão que se diz que os trabalhadores chineses são quase escravos. Não é bem verdade, pelo menos na área onde há indústrias, nas áreas modernas chinesas, a jornada de trabalho na China é de quarenta (40) horas semanais. O salário mínimo é de duzentos dólares (US\$200), um pouco menor que o nosso. No entanto, o custo de vida na China é três vezes menor que o nosso. Uma passagem de ônibus, por exemplo, em grandes cidades como Xangai ou Pequim, custa dez centavos de real (R\$0,10). Um prato feito,

um prato de alimentação, trinta a quarenta centavos de real (R\$0,30 / R\$0,40). Ou seja, o pessoal vive lá com menos do que nós, o custo de vida é baixo. Essas são questões que nós precisamos considerar do ponto de vista da negociação coletiva, frente a essa profunda transformação do poder da grande empresa. Nós estamos caminhando para quinhentas (500) grandes empresas dominando qualquer setor econômico, enquanto que o mundo tem um bilhão e quinhentas mil famílias. No entanto, somente um milhão de famílias responde a cinquenta e dois por cento (52%) da riqueza do mundo. O que temos a dizer sobre isso? Nada, só reclamar?!? Nós temos uma proposição, uma visão sobre isso?

E o último ponto está relacionado uma profunda mudança no trabalho. Como assim? Nós estamos caminhando para uma realidade em que o que predomina é o trabalho imaterial. E agora, o que é isso? Trabalho material certamente todos nós sabemos. É a transformação do barro em tijolo, o tijolo com cimento constrói uma parede, um prédio, uma ponte. Ou seja, é perceptível identificar o esforço físico e mental com o produto completo, uma matéria, uma casa, um automóvel. Mas o que eu quero chamar atenção é que esta forma de organização da nossa vida em torno do trabalho materializado e que permitiu inclusive relacionar ganhos de produtividade, a produtividade física, quer dizer, quantas casas construídas por trabalhador, quantos automóveis por trabalhador. Ou seja, a idéia da produtividade física sendo repassada para os salários é uma construção dos últimos duzentos (200) anos.

O que eu quero chamar atenção é que, na medida em que o trabalho se transforma cada vez em trabalho imaterial. E o que é o trabalho imaterial? É aquele trabalho que a gente faz não só no local de trabalho. As mudanças nas técnicas de organização do trabalho, gestão de trabalho, gestão participativa, callside, reengenharia, entre outros métodos, transformaram o trabalhador em empregado, em "parceiro". E o que eu quero dizer com isso: o trabalhador era contratado, fichado no primeiro dia mês e trinta dias depois ele recebia o salário, independente de a empresa que o contratou ter ido bem ou não, ter vendido ou não a casa, ter vendido ou não, o salário dele tava garantido.

Se nós olharmos como hoje estão sendo constituídas as remunerações. As remunerações são cada vez mais variáveis. Porque o trabalhar tem o salário fixo e tem um adicional dependendo das metas de vendas, das metas de produção. Isso significa que inclusive, o trabalhador leva trabalho para casa, ele faz trabalho inclusive fora do local de trabalho. Ele vai pra casa pensando o que ele pode fazer pra melhorar a redução de custos da empresa, para aumentar a produtividade, aumentar as vendas.

O que eu quero chamar atenção é o seguinte: o trabalhador está cada vez mais plugado, ligado no trabalho vinte e quatro horas por dia. Ele vai dormir com o trabalho, ele acorda com o trabalho, ele sonha com o trabalho. Todo esse esforço que ele faz não é contabilizado como trabalho pela empresa, mas isso gera uma riqueza - a produtividade material, que alguém tá embolsando isso e não é o trabalhador. Esse aumento, essa intensificação do trabalho está se expressando em novas doenças profissionais. Doenças do trabalho, que muitas vezes nem reconhecidas são pelo nosso sistema de proteção.

O que são as novas doenças? Doenças que na linguagem chinesa, japonesa - o *caroshi*, que a pessoa morre de tanto trabalhar, tem medo de

perder o trabalho. O *Borneaut*, na língua inglesa, que é a depressão nossa pelo trabalho. Há uma profunda intensificação do trabalho diante dos novos métodos de organização de atividade de trabalho. ]

Isso está gerando maiores lucros, maior faturamento e não está sendo compartilhada com aqueles que estão gerando essa riqueza. É, portanto, necessário, entender melhor o setor de atividade econômica. Entender como as empresas contratam, como organizam o trabalho, como fazem com que o trabalhador, na verdade, esteja submetido a essa intensificação brutal do trabalho.

O que eu quero dizer em última análise é que não há razão técnica que justifique a jornada que nós temos hoje. Nós todos estamos trabalhando muito mais do que há dez, vinte anos atrás. Nós estamos fazendo muito mais, no mesmo tempo. Gerando um ganho adicional para as empresas, que não repassam para os trabalhadores e não irão repassar se não houver luta social, se não houver o enfrentamento de idéias, de dados, de informações, de posicionamentos, como foi feito por aqueles que vieram antes de nós. A jornada de oito (8) horas que nós temos hoje só foi obtida por processos de muita luta, muita pressão social.

Em 1850, nas fábricas inglesas, em Manchester, por exemplo, quando se introduz o tear mecânico substituindo as antigas rocas de fiação, que faz com que o homem seja um apêndice da máquina e não mais o ritmo de produção é dado pelo esforço físico, os ganhos de produtividade são fantásticos naquele momento e já permitiriam que a jornada de trabalho ao invés de ser dezesseis (16) horas, fosse oito (8) horas por dia. Já permitiria que ao invés de ocupar crianças com cinco (5), seis (6) anos de idade dentro das fábricas, fossem pessoas com mais de dezesseis (16) anos de idade. Isso já era possível em 1850. Mas não se obteve em 1850 esse reconhecimento. Só se obteve, em cada país, à medida que houve um convencimento, um diálogo, um debate, uma atenção, uma luta e inclusive morte. Nós comemoramos agora, em primeiro de maio, 123 anos de lembranças do que foi o "*Smart Chicago*" nos Estados Unidos - quando um conjunto de trabalhadores lutando pela jornada de oito (8) horas, foi morto.

Então, para destacar bem o que eu quero dizer, é que nós temos plenas condições de constituir um novo padrão civilizatório. O que eu quero dizer com padrão civilizatório? Eu quero dizer o seguinte: frente a essa realidade do mundo hoje, que se produz muito mais, com menos pessoas e em menos tempo. É plenamente possível, frente aos ganhos de produtividade física e produtividade material, todos nós, trabalharmos menos. Pelo ganho econômico que está se tendo, é plenamente possível ter uma jornada de doze (12) horas por semana. Doze (12) horas semanais. Trabalhar quatro (4) dias, três (3) dias por semana. Parece estranho dizer isso porque a jornada é de oito (8) ou mais horas, especialmente no Brasil onde a cada dois (2) trabalhadores, um (1) tem uma jornada de mais de quarenta e quatro (44) horas semanais. Como trabalhar menos?

Tecnicamente é possível financiar essa menor jornada, porque os ganhos obtidos são fantásticos. É bem verdade que no Brasil, todos, de certa maneira acompanham a melhora que nós estamos vivendo pelo crescimento econômico, pela elevação do salário mínimo, pela importância dos sindicatos

em ter conseguido fazer negociações coletivas com ganhos reais. Os salários subiram acima da inflação passada. Com a ampliação do emprego, principalmente o emprego formal. A reação ao crescimento do setor da construção civil. Mas, certamente os senhores que constroem casas, prédios, sabem que também o Brasil tem crescido para os ricos. Em São Paulo ou em outras cidades do Brasil, fazem prédios ou apartamentos de quatro, cinco milhões de reais e se vende como se estivesse vendendo água na esquina.

O que eu quero chamar atenção é que a riqueza está aumentando muito rapidamente. Não apenas a riqueza material, mas a riqueza imaterial, aquilo que é resultado de aplicações em mercados financeiros, nas bolsas de valores. A riqueza material do mundo está estimada em 48 trilhões de dólares e aquela riqueza que circunda os mercados financeiros, que agente olha às vezes no jornal. Sai lá: *"Olha, a bolsa de valores subiu. Quem aplicou em títulos públicos e ganhou doze por cento(12%)"*. Esse dinheiro equivale hoje em riqueza imaterial, a trezentos trilhões de dólares - quatro (4) vezes mais a riqueza física.

Essa riqueza imaterial permite termos um novo padrão civilizatório. Porque o padrão civilizatório que nós temos hoje - trabalhar oito (8) horas, décimo terceiro (13º), férias, ingresso no mercado de trabalho a partir dos quatorze (14) anos, é uma conquista do século XX. Nós estamos no século XXI e precisamos ser portadores desse futuro. Portanto, trabalhar menos e plenamente possível tecnicamente. Eu não sei se politicamente é viável. Se os sindicatos estão à altura de travar essa luta. Se estão convencidos da importância dessa luta. Se estão preparados para fazer essa luta.

Nós estamos entrando numa fase da vida em que, ao invés da expectativa, da esperança de vida em setenta (70) anos como é hoje, nós estamos caminhando para uma expectativa de vida de cem (100), cento e dez (110) anos. O Calixto aqui é jovem, certo? Está mudando, gente! Se fôssemos fazer este evento aqui a cem (100) anos atrás, em 1908, eu não teria condições de fazer uma exposição como essa em 1908, porque, em 1908 os brasileiros vivem em média, trinta e cinco (35) anos de idade. Cem (100) anos depois eles vivem o dobro, setenta (70). E daqui mais alguns anos vão viver cem, cento e dez anos de idade. Isso representa uma mudança substancial para os sindicatos não podem perder de vista.

O que eu quero dizer de forma muito clara é o seguinte: não há razão técnica para alguém que vai viver cem (100) anos, que são os nossos filhos, os nossos netos. Não há razão técnica para se começar a trabalhar aos 14, 15, 16 anos de idade. É plenamente possível e cada vez mais necessário começar mais tardiamente no mercado de trabalho. Começar depois dos vinte e cinco (25) de idade a trabalhar. Pode ser estranho ouvir isso porque aqui no Brasil, os filhos dos ricos não começam a trabalhar antes dos vinte e cinco (25) anos de idade. Porque eles primeiro estudam, fazem graduação, mestrado, doutorado, vão estudar nas melhores universidades, saber línguas e aí eles entram no mercado de trabalho. Pra ocupar que vagas? As melhores!

Somente os filhos dos pobres estão condenados a começar cedo no mercado de trabalho. E ao começar cedo, vão ocupar que vagas? As principais? Não! E aí é aquele esforço danado pra estudar. Você sabe que no Brasil os nossos jovens, 16 a 24 anos de idade, são 34 milhões de jovens. É a quinta

maior população juvenil do mundo. E desses 35 milhões de jovens, a metade não estuda. Está-se se dizendo que cada vez mais a sociedade é do conhecimento, da informação, é preciso de escolaridade, a metade dos nossos jovens não estuda. Os jovens que estudam, são jovens que trabalham. Os jovens que estudam e trabalham, são aqueles que têm uma atividade do dia equivalente aos trabalhadores do século XIX, que trabalhavam dezesseis (16) horas por dia. Vamos falar de um jovem que estuda e trabalha, ele compromete no mínimo, oito (8) horas de trabalho. Além das oito (8) horas de trabalho, vamos contar aqui de duas (2) a quatro (4) horas de deslocamento da casa para o trabalho, do trabalho para a casa e depois ainda do trabalho ou da casa para a escola e da escola para a casa. Daí são oito horas de frequência escolar. Vou dizer frequência porque não sei se tem condições de estudar, de ler, o ambiente necessário para aprender. Ele pode ter o certificado que comprove que ele frequentou a escola, mas ele dificilmente vai ter qualidade no processo educativo para disputar uma vaga com o filho do rico, que ficou sem trabalhar em absolutamente nenhum momento, tendo tempo somente tendo tempo disponível para se qualificar. Por que o filho do rico só entra depois no mercado de trabalho? Porque tem recursos privados, familiares para financiar o ingresso mais tarde no mercado de trabalho. Por que o filho do pobre entra logo? Por que ele gosta de trabalhar? Nós estamos falando do século XXI, da sociedade do conhecimento, da informação, da tecnologia. Ninguém mais faz sindicalismo como fazia a vinte (20) anos atrás. Ler um jornal, uma revista e achava que tinha tudo. Hoje os trabalhadores, em grande parte das vezes, têm que ter mais conhecimento que os próprios líderes sindicais. É uma outra classe trabalhadora, mais educada, mais preparada.

Portanto, a questão do conhecimento é estratégica. Como financiar esse tempo livre com o conhecimento? Através de fundo público. Não é tirar do bolso. É através do impostos, da tributação. E aí entra uma questão fundamental: Por que aqui no Brasil os pobres pagam impostos e os ricos não? Vocês sabem! Quem ganha R\$ 70,00 mensais, paga a metade dos que ganha em impostos. Quem ganha mais de R\$4000,00 mensais no Brasil, paga menos de 20% do seu salário com imposto. Vocês sabem que os empresários não pagam impostos, que os banqueiros não pagam impostos. Porque nós temos uma estrutura tributária regressiva - quanto menos ganha, mais imposto paga. Porque são os impostos indiretos, impostos que estão embutidos nos preços dos produtos. Não temos imposto sobre a riqueza, sobre as grandes fortunas. Até os trabalhadores que passam há ganhar um pouco mais, acima de R\$ 1000,00, já começa a pagar imposto de renda.

Nós temos uma oportunidade inédita de transformar tudo isso. Vivemos num ambiente democrático. O Brasil, que havia passado vinte e cinco (25) anos de tragédia econômica, que não crescia. O setor da construção civil quase desapareceu no Brasil, ta começando agora a reviver um novo momento, de expansão econômica, com impacto inegável no emprego, nos salários, no fortalecimento dos sindicatos, no aumento da sindicalização. É preciso entender esse momento, compreender a categoria, perceber quem são os novos trabalhadores. São mais jovens, mais escolarizados, tem mais mulheres na categoria. Como entender isso, o que eles pensam? É preciso atuar de forma inteligente.

Essa é uma oportunidade inédita, que talvez poucos dirigentes sindicais tiveram no passado. E para isso, evidentemente que a questão de entender a terceirização, que é um fenômeno que cresce no Brasil, que divide os trabalhadores, que impõe custos de trabalho muito diferenciados, diante da ausência da regulação. Qual é a proposta dos trabalhadores da construção civil para o tema da terceirização? São favoráveis a uma nova regulação? São favoráveis a uma nova política de qualificação?

O mundo gera quarenta e cinco milhões de empregos por ano. Sete milhões de empregos são gerados pela terceirização. Que espaço temos nós para atrair postos de trabalho terceirizado e ampliar o nível de emprego? São questões que estão aí e precisam ser respondidas. Se não forem os senhores a responder, quem responderá? As empresas?

Outro ponto me parece fundamental está relacionado à temática da convenção 58. No Brasil, a cada ano, 10 milhões de trabalhadores com carteira assinada são demitidos. Ou seja, a cada três trabalhadores no Brasil, um é demitido, é rompido seu contrato de trabalho. Isso é uma forma de redução de salário. O trabalhador passa a ganhar um pouquinho mais, demite e contrata outro com o salário menor.

Nós temos no Brasil oito milhões de trabalhadores que, embora estejam sobre contrato de trabalho, não conseguem contribuir doze (12) meses no ano para a previdência e assistência social. Vocês sabem que com a reforma da previdência nos anos noventa (90), quando foi introduzido o fator previdenciário, inclusive, o que ela fez? Ela mudou em primeiro lugar a aposentadoria, o critério da aposentadoria que antes era de tempo de serviço e passou para tempo de contribuição. O trabalhador que permanece empregado trinta e cinco (35) anos não tem problema. Acontece que na construção civil ou qualquer outro setor, a rotatividade é enorme, o rompimento do contrato de trabalho é pleno. O que faz com que o trabalhador da construção civil não consiga contribuir por doze meses com as prestações para a previdência. Em média, ele contribui seis (6) meses, cinco (5) meses ao longo de um ano. Então, ele precisa de um ano, para contribuir um ano para a previdência. Se a gente expandir no tempo, significa dizer o seguinte: que o trabalhador da construção civil, para poder se aposentar, ao invés de trinta e cinco anos (35) de contribuição, ele vai precisar então, de setenta (70) anos. Porque a cada dois anos, ele contribui um para a previdência.

A nossa expectativa de vida é de setenta (70) anos. Se o trabalhador da construção civil começar a trabalhar aos dezesseis (16) anos, que é o legal no Brasil. Dezesseis (16) mais setenta (70) são oitenta e seis (86) anos. Esse trabalhador não vai se aposentar, embora tenha contribuído para a previdência.

E para finalizar o tema das convenções coletivas de trabalho. Vocês devem ter acompanhado o debate sobre a inflação. E infelizmente, os trabalhadores, na condição de vítima da inflação que vivemos uma inflação, uma subida nos preços, foram transformados em vilões. A imprensa, visão dominante diz: "não, mas o problema no Brasil é que ta consumindo demais". O pessoal ta conseguindo salários acima da inflação, ta aumentando o consumo, mas o país não tem produção, aumenta os preços. Quando na verdade, a inflação que temos no Brasil é uma inflação importada. Como assim

importada? Hoje você tem uma estrutura de produção e distribuição cada vez mais monopolizadas. Você tem menos empresas, que estabelecem o preço por acordo. E houve um aumento no preço do petróleo e houve um aumento no preço dos chamados *comodites*, preços de produtos alimentícios, de minérios, que são estabelecidos em Chicago, na bolsa e valores de Chicago. Elevou o preço do mercado tradicional e isso foi passado para o Brasil.

As convenções coletivas, o acordo que nos estamos tendo nos últimos dois anos são as melhores das últimas duas (2) décadas. Porque os trabalhadores estão cada vez mais espertos, acompanhando o que está ocorrendo dentro da empresa, percebendo aumento dos lucros, do faturamento, e querem participar não apenas do emprego, mas querem ter cada vez mais, uma melhor condição de vida.

Nós estamos saindo de uma época em que o se queria fundamentalmente era se garantir o emprego do trabalhador. Nós estamos entrando numa nova fase em que não em que não apenas o emprego, mas cada vez melhores condições de trabalho, de remuneração, de vida. Não podemos cometer um erro do passado, que quando houve expansão econômica, os salários não acompanharam a produtividade. Isso ocorrerá ou não, dependendo do papel ativo dos sindicatos e o melhor termômetro da atividade sindical é o acompanhamento das convenções coletivas, dos acordos coletivos, porque elas apontam, medem qual a temperatura do sindicalismo brasileiro e eu diria que essa temperatura está aumentando, porque os resultados são melhores, mas certamente, estamos distantes daquilo que poderia ser.

Esse é o papel inegável, o papel histórico do sindicalismo. Sindicatos existem com o objetivo de valorizar os trabalhadores, a força de trabalho e fundamentalmente, viabilizar um melhor compartilhamento dos ganhos que estão sendo tidos. Se isso que nós temos hoje já é uma demonstração do potencial que podemos vir a ter em ações dessa natureza que aqui encontramos. Quer dizer: a união, a responsabilidade da ação e a capacidade de compreensão do momento que vivemos hoje, nos indica que podemos construir algo superior ao que temos hoje. Mas isso só ocorrerá se houver luta. Sem luta, para os trabalhadores, nada vem de graça. E o que já temos hoje é resultado desse esforço e eu acredito que quando estivermos fazendo aqui, o vigésimo quinto (25º) Congresso da Construção Civil, o trigésimo quinto (35º), aqueles que virão depois de nós, poderão olhar para o passado e sentir orgulho do trabalho que nós ajudamos a construir.

### **Respostas às perguntas**

#### **1 - Luís Carlos de Andrade - do Sindicato da Construção Civil de Santos.**

Nós descobrimos que a escola que legaram pra nós, a escola pública, é de pior qualidade. E nós descobrimos que para poder melhorar a escola, nós temos que nos organizar no setor de ciência e tecnologia, em inovação e informática no município, porque tiraram do município essa parte da inteligência e pegamos o lixo da inteligência que vem daqui de Brasília para os municípios. Então nos estamos com a idéia de participar do Conselho

Nacional do Ministério da Ciência e Tecnologia e assim como são os Conselhos da Saúde e demais, nós temos que organizar esse, pelo menos nos municípios industriais, a ciência e tecnologia nos seus conselhos e nós, tripartitemente estar junto, porque não dá pra uma coisa estar desassociada da outra. Hoje você vê a criação dos parques tecnológicos, incubadora, parque metal mecânico. Então nos gostaríamos de saber com o senhor, se nós estamos certos ou não, em ter um cientista, um pesquisador, um PHD em cada área do município?

## **2 - João Barbosa - do Sindicato dos trabalhadores da Construção Civil de Brasília.**

Quando eu comecei na construção civil, o sindicato negociava com o índice do DIESEE, que era o índice maior que existia e os empresários nunca aceitavam. Depois que o Presidente Lula foi eleito, o índice do DIEESE passou a ser o mais baixo, é o índice que os empresários oferecem hoje. O que aconteceu nos cálculos e o que está acontecendo nessa temática que você apresentou hoje, em relação aos índices e à expectativa de vida? É isso aí que eu queria saber.

## **3 -Zelda Terezinha Ouro - Dirigente Sindical do Sitcom de Chapecó/ Santa Catarina.**

Em primeiro lugar, eu acho que a gente vive num mundo um pouquinho diferente das colocações do nosso palestrante aqui e nesse contexto, vivendo um pouquinho diferente, ganho real, se nós formos considerar aqui, a maioria das convenções coletivas não tiveram, de fato, porque a inflação é mentirosa. A inflação não é 5.6 e todos nós sabemos que na hora de negociar, não é bem assim. Então o governo tá usando esse índice como aumento real de forma que favorece a ele.

Segundo lugar: comparar nós, trabalhadores brasileiros, com a China. Dizer que na China não é tão assim como falam, é só acompanhar as notícias de morte dos trabalhadores chineses, que nem saúde não se tem lá. Não se tem plano de saúde, não tem discussão de saúde do trabalhador, não tem nada. Então nos temos que refletir sobre esse ponto.

A outra questão, que me chama muito atenção, é que eu gostaria de saber o que tem por trás da convenção 158. Porque hoje todos nós sabemos que quando um trabalhador é demitido, isso foi uma conquista do fundo de garantia, em troca da nossa estabilidade, há muito anos atrás, foi estabelecida a multa do fundo de garantia. Quarenta por cento (40%), depois o governo colocou mais dez (10), que é uma vergonha, é não tirou até hoje. Quem nos garante que isso não está para acontecer de novo? Vamos colocar a convenção 158 e em proposta se tira a multa e daqui um tempinho, perdemos tudo. Eu gostaria de saber o que está por trás disso e também em relação à redução da carga horária e essa falação que nós temos de que o Brasil cresceu muito, gostaria de ver que, o setor da construção civil sim, cresceu, mas no nosso estado, madeireira e empresas de indústria de móveis estão quebradas. Então, existe uma disparidade. Vamos só destacar o que é bom, mas o que nós estamos enfrentando na base não é destacado.

Mas a minha pergunta foco é o que está por trás da convenção 158?

**Resposta Professor Márcio Pochmann**

Sobre as três questões, em relação ao tema da ciência e tecnologia. Esse, infelizmente, tem sido um tema para o qual ou é o governo ou são as empresas ou as universidades que tem tratado. Não está muito presente no Brasil a participação dos sindicatos. Então, em primeiro lugar, entendo que a inovação tecnológica não é neutra. As decisões de inovações são na verdade, decisões que partem das divisões de mundo e entendo que essa possibilidade dos trabalhadores participarem nessas coordenações municipais, estaduais, evidentemente que deve participar. Justamente porque a inovação permite não apenas, produzir mais rapidamente e a inovação tecnológica abre a possibilidade de uma maior redução do tempo de trabalho. Se nós imaginarmos que o ganho de produtividade resultado da inovação tecnológica, deve ser compartilhado por todos, especialmente por aqueles que fizeram a produção. Então, sou praticamente favorável à participação dos trabalhadores.

Em relação ao Barbosa, a evolução do índice do custo de vida do DIEESE, encontra-se no patamar menor e eu não tenho condições de responder por que eu não estou com os dados aqui. Eu tenho dúvida, dificuldade de entender que de fato, se nós olharmos ao longo do tempo, o custo de vida do DIEESE pode tá abaixo do IPCA, do IBGE?

O fato concreto que o IPCA, o índice de custo de vida que o IBGE levanta, é o indicador feito em dez (10) regiões metropolitanas e o do DIEESE é feito na região metropolitana de São Paulo. Então nos precisamos perceber que há uma diferenciação regional importante no país. Se nós pegarmos de 1990 a 2005, por exemplo, as regiões que mais cresceram no Brasil, as cidades que mais cresceram, os municípios que mais cresceram, foram da região norte e centro-oeste. São Paulo e Rio de Janeiro foram os estados que menos cresceram no Brasil. Cresceu a uma taxa de média anual de 1,8, 2,1% no caso do estado de São Paulo. Os estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul cresceram 6% a 7% ao ano. Então, tem mudanças regionais que precisam ser consideradas, mas eu não teria condições de responder tão precisamente por que o índice do DIEESE está mais baixo. Tenho dúvidas de que esteja mais baixo, por isso precisava olhar para fazer um comentário. Eu não tenho condições de responder por que não estou acompanhando a evolução de vários índices. Eu acompanho geralmente o IPCA que é indicador de posicionamento de inflação, inclusive para o Banco Central.

3 - Izelda, acho que você não entendeu a minha exposição. Que a inflação é mentirosa, poder-se-ia usar esse argumento nos anos setenta (70), mas hoje? É muito fácil! "É mentirosa"! Mas por que é mentirosa? Qual a sua base de informação? Não reflete não vale. Quero saber onde estão os dados, onde está a informação, o sindicato desenvolveu um índice indicador para fazer? Desculpe-me, mas inflação é uma coisa complexa. Para um indicador de inflação é feita uma pesquisa anteriormente para saber o hábito de consumo das pessoas, o que as pessoas compram, aonde compram, aonde isso pesa.

O trabalhador compra só feijão e arroz? Evidentemente que não. Os trabalhadores estão comprando telefone celular. Tem uma variedade de preços que precisam ser acompanhados. A gente vai lá e olha que o feijão está mais caro, o feijão subiu. Perfeito. Mas outras coisas desceram. Eu acho que nós temos que ter responsabilidade para utilizar os dados. Estão aqui os dados, vou mostrar. Nós temos varias instituições de pesquisa. O DIEESE é uma instituição de pesquisa, então o DIEESE está mentido? É isso que vocês querem dizer? O IBGE, a Fundação Getúlio Vargas ta mentindo? A gente tem que ter responsabilidade. Uma coisa é falar, discursar na ditadura, outra coisa é na democracia. Nós precisamos ter responsabilidade e não dizer coisas vazias. Não estou dizendo que é vazia. Se existirem dados que mostrem que a inflação do trabalhador está superior ao que temos, vamos considerar, vamos aos fatos, vamos analisar. Se não tiver, vamos tratar de ter.

Outra coisa. A China é aquela maravilha? Eu fui lá, eu fiz pesquisa, eu não fico acompanhando essa gente que escreve em jornais, que falam na televisão, que falam sem conhecer. Eu sugiro que vocês façam uma missão à China. Vamos fazer contato com os trabalhadores da construção civil na China. Não tem mais porque esconder as coisas. Vamos lá ver quanto custa a vida na China, basta ir lá e acompanhar. Eu não estou aqui para defender a China, nem nada. Eu estou dizendo o seguinte, a China, a Índia, a Irlanda e outros países seguiam caminhos diferentes daqueles que foram impostos no Brasil. É possível crescer a taxas rápidas. Tem defeitos na China? Claro que tem e qualquer país têm! Nós não podemos imaginar que o caminho do Brasil seja copiar os Estados Unidos, vamos ver que tem alternativas, que têm modelos diferentes.

Defender o fundo de garantia por tempo de serviço, FGTS, francamente, é colocar na lata do lixo a história dos trabalhadores. Aqueles que viveram 1964, 1965, 1966, 1967, quando da criação do FGTS, o sindicalismo daquela época foi contra o fundo de garantia. O fundo de garantia instituiu a rotatividade do trabalho no Brasil. Se vocês acreditam que a multa vai impedir a rotatividade, os senhores não conhecem a realidade do trabalho. Por que eu estou dizendo isso? Porque quando você diz sobre a multa do trabalhador no caso da demissão, as empresas imputam no cálculo de quanto custa isso, põe o preço e quem paga a demissão é o produto final. Quando a gente compra a mercadoria, qualquer coisa, já está lá o preço da demissão do trabalhador. Como pode o Brasil ter uma taxa de rotatividade de 42%?

A Convenção 158 não é nenhuma maravilha, mas ela passará a exigir uma justificativa da empresa ao trabalhador e ao sindicato, por que está demitindo. Como pode num país, as empresas demitirem sem causa? O trabalhador entrou na empresa e o responsável pela empresa achou que hoje ele estava com a cara feia, ele é demitido. Isso não é relação civilizada de trabalho. Qualquer país civilizado, a empresa tem que justificar para o trabalhador e tem que chamar o dirigente sindical e explicar o seguinte: "Nós estamos demitindo por razão econômica, não tem condições de nós produzirmos". Tem que ter uma razão. E essa razão tem que ser compartilhada com aqueles que representam os trabalhadores